

Esta é a nossa última reunião no curso do primeiro semestre.. Acho portanto

**COPIA** oportuno interromper o fio do argumento para tentar uma síntese dos pontos levantados e talvez dos resultados alcançados. Quando me aproveitei da oportunidade que o Instituto de Filosofia me deu para pronunciar este curso de aulas, tinha, além de outros propósitos, uma meta definida em mente. Há um ano, aproximadamente, comecei a escrever um livro com o título provisório "Estar aqui agora". Parecia-me então, como continua me parecendo, que nós paulistanos, localizados na periferia da civilização ocidental, temos vivências da situação atual que podem ser significativas para a compreensão, e talvez para a superação, da crise na qual a civilização ocidental se debate. A nossa angústia individual parecia-me constituir um ponto de partida para uma tomada de consciência de significação coletiva. Devo confessar que fracassei redondamente nessa minha tentativa. Não cheguei a escrever nem a primeira metade do primeiro capítulo do livro projetado. O que me freiou foi a súbita descoberta da seguinte aporia: o meu livro exigia um recolhimento sobre mim mesmo, um enclausuramento radical, para que possa ser ouvida, na solidão, a voz da autenticidade. Exigia, simultaneamente, um entozamento na situação na qual me encontro, uma participação ativa e passiva na conversação brasileira. Sem o recolhimento estavam todos os pensamentos ameaçados de conversa fiada, em o entozamento estavam ameaçados de alienação insignificante. Ai o Instituto de Filosofia me proporcionou, generosamente, a oportunidade de dar um curso inteiramente aberto, isto é espontâneo e não planejado. Proporcionou-me, com efeito, a oportunidade de constituir, em conjunto com os senhores, uma espécie de laboratório do pensamento. Estamos, os senhores e eu, empenhados na tentativa de formular discursivamente o nosso estar aqui agora. Estamos procurando, em conjunto, fazer exatamente aquilo que não consegui fazer na solidão do recolhimento. Se esta formulação discursiva da nossa situação que estamos almeçando será válida e fecunda, eis uma pergunta que não ouse responder do presente ponto do nosso argumento. A resposta depende tanto dos senhores como de mim, e poderá ser dada talvez no fim deste curso.

Éra óbvio, logo no início do nosso esforço, que a nossa situação tem aspectos geográficos e históricos, que o termo "aqui" e o termo "agora" sugerem. Procuramos portanto analisar estes dois aspectos. A nossa situação se nos afigurou como historicamente condicionada, no sentido de pré-figurada. Ao nos encontrarmos a nós mesmos, encontramos simultaneamente uma situação determinada. Esta "Befindlichkeit" na qual nos encontramos é vivenciada por nós como uma espécie de jaula que nos prende, e da qual conduzem determinados canais pelos quais podemos tentar projetar-nos para fora da jaula. Uma consideração dessa jaula revela que ela consiste de coisas que nos barram o caminho. Há duas espécies de coisas. Chamemos a primeira de "natural" e a segunda de "cultural", e digamos que, ao nos encontrarmos a nós mesmos, verificamos que fomos lançados contra a natureza e contra a cultura. A distinção entre as duas espécies de coisas é feita com o critério seguinte: as coisas naturais, ao serem vivenciadas por nós, revelem um fundamento inarticulado e misterioso a partir do qual se precipitam ao nosso encontro. As coisas culturais, ao serem vivenciadas por nós, revelam a articulação, a manipulação, de outras existências que por aqui passaram. As coisas naturais atestam o fundamento do ser, as coisas culturais atestam existências predecessoras. A nossa jaula consiste, em sua grande maioria, de coi-

22  
sas da cultura. Somos determinados muito mais pela cultura que pela natureza. As

**COPIA.** existências que por aqui passaram antes de nós, diminuíram radicalmente o âmbito da natureza, ao transformá-la em cultura. Não são tanto as onças que nos ameaçam, mas os elevadores. Não são tanto tempestades e pestilências que recamos, mas revoluções e guerras. Esta minimização da natureza e preponderância da cultura na nossa circunstância distingue a nossa situação de todas as situações precedentes. A história nos ensina que o homem era quase sempre um ser determinado grandemente pela natureza. O empenho do homem nas situações anteriores à nossa era sempre, em grande parte, um empenho contra as coisas da natureza. É por isto que uma análise existencial das situações anteriores revelava as coisas da natureza como algo a me preocupar, e as coisas da cultura, (os chamados instrumentos), como algo a me abrigar contra a natureza. O progresso do homem como indivíduo, e da humanidade como projeto realizador, era portanto vivenciado como transformação paulatina das coisas naturais preocupantes em instrumentos culturais abrigadores. Os progressistas atuais nutrem, no fundo, este conceito arcaico da situação que nos cerca. Mas é óbvio que esta análise da nossa situação é falha. Não os chamados instrumentos que nos preocupam. É contra eles que fomos lançados e é contra eles que devemos projetar-nos. Neste sentido o estudo da história pouco nos adianta como esclarecimento da situação existencial da atualidade. A nossa situação não tem paralelo.

Uma consideração mais atenciosa das coisas que nos determinam revela que o clima que caracteriza a nossa situação é consequência do seu caráter. As coisas que nos determinam são profanas, no sentido de não revelarem o mistério fundante como o fazem as coisas da natureza. A consequência dessa profanidade da nossa situação é a sensação do absurdo. As coisas da natureza significavam, em situações anteriores, o mistério do inarticulado. As coisas da cultura significam o esforço manipulador de existências passadas. Mas como esse esforço resultou apenas em novo tipo de limitação, são vivenciadas essas coisas como absurdas. Estamos em situação absurda, porque sentimos-nos enjaulados por coisas profanas que são resultado de um esforço libertador frustrado. A verdade que a sensação do absurdo ainda não tomou conta de todos os setores da nossa atividade. Ainda há restos do otimismo manipulador de épocas passadas. Mas as articulações características da nossa época, e mais especialmente as articulações artísticas, científicas e filosóficas, são marcadas pela vivência do absurdo. Na filosofia, esta articulação toma duas formas: o simbolismo lógico e o existencialismo. Em outras palavras: ao nos encontramos, encontramos-nos em situação préfigurada historicamente, em situação que pode ser expressa assim: estamos aqui como ocidentais tardios.

O outro aspecto da nossa situação, o aspecto geográfico, exige, para ser articulado, uma tomada de consciência diferente. Estamos em São Paulo, isto é em aglomeração heterogênea de existências dedicadas a um esforço manipulador que tem por pano de fundo o Brasil, isto é um terreno subdesenvolvido do ponto de vista do Ocidente. A análise existencial que acabamos de fazer do ponto de vista histórico é aplicável, com reservas, a São Paulo, mas inaplicável ao Brasil como um todo. A sociedade brasileira consiste de existências que se debatem ainda contra coisas da natureza, como sejam secas, epidemias e simplesmente a fome. Tendo o Brasil como pano de fundo, as nossas especulações anteriores se afiguram singularmente alienadas. Mas tendo São Paulo como ponto de referência, afiguram-se como válidas existencialmente. Este desacordo fundamental que caracteriza a nossa situa-

ção geográfica contribui poderosamente para a confusão intelectual e moral na qual nós encontramos. Como paulistanos somos ocidentais tardios, como brasileiros ainda nem começamos a participar do processo histórico no sentido rigoroso do termo. Uma análise mesmo superficial dessa nossa situação geográfica revela o seguinte paradoxo: somos chamados a decidir nos como paulista nos, isto é como participantes de uma situação altamente absurda na qual decisões carecem de significado. E somos chamados a decidir no como brasileiros, isto é como participantes de uma situação cujos centros de decisão estão no além da situação mesma. Se focalizarmos a situação brasileira, sentimos nos atraídos por um empenho manipulador que transforme essa situação em algo semelhante à situação dos países chamados desenvolvidos. Se focalizarmos a situação paulistana, vivenciamos o absurdo desse empenho. Isto confere a nossa existência aqui em São Paulo uma dramaticidade que não tem paralelo nem nos centros desenvolvidos, nem nos territórios atrasados. Estamos aqui como que em fronteira entre o subdesenvolvimento absurdo do Ocidente, e o subdesenvolvimento degradante do homem enfrentando a natureza. E justamente esta tensão dramática do nosso estar aqui que pode conferir a um depoimento honesto da nossa tomada de consciência uma validade mais ampla. Estamos em situação de limite, portanto em situação que pode, mas não necessariamente, resultar em nova abertura. Em outras palavras: aqui em São Paulo, como em uns outros poucos lugares da situação atual pode surgir um novo projeto a superar o condicionamento pelas coisas da cultura e não apenas um render-se passivo como o podemos testemunhar nos países adiantados. Tudo aquilo que acabo de dizer até agora não passa de uma tentativa de elaboração da sentença: "Estamos aqui agora" ou "existimos em São Paulo como ocidentais tardios".

Estas são pois as coordenadas espaço-temporais da situação na qual nos encontramos. Surge a pergunta: o que significa a afirmativa que nos encontramos? O termo "encontrar-se" faz parte da conversa cotidiana e não nos damos conta do seu significado. Uma tomada de consciência exige um esforço, e é justamente este esforço que é o significado do termo "encontrar-se". Estamos aqui reunidos e seguindo este curso justamente para encontrarmos nos a nós mesmos. A filosofia existencial nos fornece os conceitos e os instrumentos metódicos para a articulação desse esforço do encontrar-se. Mas o esforço mesmo não pode ser apreendido em faculdades de filosofia, nem em manuais com o título "como encontrar-me em der aulas". A situação dentro da qual fomos lançados solicita insistentemente os nossos apetites e dispersa constantemente a nossa atenção, evitando que nós nos encontremos a nós mesmos. As coisas que nos cercam formam uma massa pegajosa que nos prende para determinar todos os nossos movimentos. O esforço do qual falo exige, de início, um movimento de recolhimento. Como é possível este movimento, já que acabo de dizer que as coisas determinam todos os meus movimentos? Uma análise do meu estar aqui agora revela esta possibilidade. Revela que não estou totalmente aqui agora. Revela que meu estar aqui agora é defeituoso. Revela, em outras palavras, que existo. Há um defeito, um vacuidade, no meu estar aqui agora, e este defeito pode ser expresso pelo termo "morte". Estou aqui agora, mas estou aqui agora para a morte. Devido a este meu defeito, a situação não me engloba totalmente: Não sou cheio de mim, mas há em mim um burraco que é a morte, e por este burraco posso como que superar a situação que me cerca para dentro desse burraco que me recolho para encontrar-me a mim mesmo. For

que o faço, por que me recolho? Porque as coisas que me cercam me causam nojo. Causam-me nojo, porque estão cheias de si mesmas, enquanto que eu sou um ser carete. **COPIA** A minha situação me causa nojo, as solicitações das coisas ao meu redor me causa nojo, porque tudo isto é tão solido e seguro de si mesmo, enquanto que eu sou tão frágil e problemático, já que estou aqui agora para a morte. O movimento de recolhimento é um movimento de repulsa, um arrepió de nojo. Nesse movimento no qual encaro a minha morte encontro-me a mim mesmo. Vivencio, neste confronto com o nada, que não sou como as coisas que me cercam, que o meu ser é diferente do ser das coisas. Vivencio que existo. Até agora, preso pelas coisas que me cercam, simplesmente vegetei, cambaleando por entre as solicitações das coisas. Não existí autenticamente. Decaía para a morte. Agora, ao enfrentar a minha morte e ao decidir-me para ela, existo. Pela abertura que é o meu estar aqui agora para a morte supero a minha situação, e esta deixa de determinar-me para passar a preocupar-me. Posso, daqui em diante, como que estender uma mão pela abertura que em mim se esconde e que se revela no momento do meu recolhimento arrepiado como sendo a minha morte. Com esta mão posso alcançar as coisas que sobre mim se precipitam, afim de libertar-me delas. As coisas passam a estar ao alcance da minha mão e não me determinam. A situação que agora surgiu me permite tres movimentos. Posso apalpar as coisas, posso apreende-las. Posso trazer as coisas para junto de mim, posso compreende-las. Posso imprimir-lhes a minha marca, posso manipula-las afim de supera-las. Doravante existirei no tempo. O meu futuro são as coisas ao meu alcance. O meu presente são as coisas que estão aqui comigo, as coisas compreendidas. O meu passado são as coisas manipuladas e superadas que atestam a minha passagem por elas. O meu futuro me preocupa. O meu presente me afirma. O meu passado me atesta. Todas as coisas a meu redor estão a meu alcance, isto é podem ser apreendidas, compreendidas e superadas. Todas as coisas menos uma. A morte não pode ser apreendida, nem compreendida, nem superada, no entanto está sempre a meu alcance. Esta única coisa inapreensível, incompreensível e insuperável passa a ser portanto o fundamento de todas as coisas. No fundo é a minha preocupação com as coisas a preocupação com a morte. A morte é doravante o meu assunto exclusivo. A minha decisão existencial, que é a decisão de projetar-me contra as coisas ao alcance da minha mão, é no fundo uma decisão para a morte.

Assim é assim que me projeto contra a minha situação depois de me ter encontrado nela. Assim que procuro conhecer as coisas que me cercam, apreendendo-as, compreendendo-as e procurando supera-las. Ai descubro que não estou totalmente só neste esforço. For entre as coisas que venho conhecer há algumas que reconheço. Estas coisas peculiares reagem contra o meu esforço conhecedor de maneira diferente das outras. São semelhantes comigo. Procuram conhecer-me. Conversam comigo. Estão aqui agora comigo. São meus aliados no meu projeto. Participam da minha decisão de projetar-me. Conspiram comigo contra a morte. Ao reconhecer estas coisas como existencias que estão aqui agora comigo, entro em relação com elas, a saber na relação do reconhecimento. É uma relação dialógica que os termos amor e ódio denominam. Aquilo que não reconheço, manipulo. Aquilo que reconheço amo ou odeio. Uma análise mais cuidadosa revelará que o ódio é uma tentativa de não reconhecimento, uma tentativa de degradação do outro em coisa a ser manipulada. O ódio é um reconhecimento falso. O reconhecimento autentico é amor, inclusive no significado cristão deste termo. O diálogo autentico com o outro é o meu ato de reconhecimento. O diálogo, a conversação, é amor realizado. O diálogo com

Outro é minha tentativa amorosa de projetar-me contra a situação que é no fundo  
**COPIA** minha morte. Neste sentido estamos nós aqui aliados pelo amor contra  
a morte. Mas esta nossa aliança é desesperada. No fundo, não é a morte a mesma  
para todos nós, mas cada um de nós tem a sua morte. A morte do outro não é minha  
morte. A nossa aliança é um malentendido. A morte do outro pode ser por mim a-  
preendida, compreendida e superada, por exemplo cientificamente. A minha morte é  
incompreensível. A morte do outro é para mim uma perda, porque vivencio a perda  
de um aliado. A minha morte não é uma perda, porque está no além de meu horizon-  
te, e a ciência não lhe diz respeito. No fundo estamos sós, somos iþhas. O nosso  
diálogo é desesperado e cheio de malentendidos. Mas o nosso diálogo amoroso é a  
única forma pela qual podemos de certa maneira superar a morte. E no dialogo com  
os outros, é nos outros, que nos imortalizamos.

Portanto é com os outros, embora problemáticamente, que me projeto contra as coi-  
sas. Ai verifico que este dialogo, esta sociedade da qual participo, procura ca-  
nalizar o meu projeto. Ao envez de avançar comigo contra as coisas, a minha soci-  
iedade freia o meu avanço. Encontro-me em sociedade pré-formulada. Essa socieda-  
de procura imprimir máscaras sobre mim, procura adaptar-me a ela. Procura limi-  
tar a minha escolha a umas poucas máscaras pré-fabricadas. A sociedade é uma re-  
presentação teatral, que faz de conta que a morte não existe, e nessa representa-  
ção reserva uns poucos papeis para mim para que eu os represente. Oferece a mim  
umas poucas personalidades a serem por mim representadas. A sociedade, longe de  
conspirar comigo no meu projeto contra a situação, procura limitar o meu projeto.  
Não posso reconhecer este tipo pré-fabricado de sociedade como estando aqui agora  
comigo. Este tipo de outros são o inferno. Não posso admitir que os poucos can-  
ais repetidos que ela me oferece sejam as minhas únicas saídas. Não posso admitir  
que o projeto do qual participo com estes outros esteja tão altamente realizado  
a ponto de não mais oferecer aberturas validas a permitirem a superação da situa-  
ção na qual me encontro. Mas não posso saltar para fora deste projeto. Não pos-  
so fugir da sociedade, que é a sociedade do Ocidente tardio. E nela que me encon-  
tro, e é nela que devo projetar-me. Estou portanto empenhado no esforço de forçar  
aberturas nessa sociedade rígida e altamente fechada. Nisto reside a dramati-  
cidade, para não dizer a tragédia, do meu estar aqui agora no momento do encon-  
trar-me a mim mesmo. E nesta situação dramática que devo decidir-me qual o meu  
projeto. E neste situação dramática que sou chamado a escolher o meu empenho!  
E assim que estou aqui agora.

Quando digo que procuro um projeto no qual me devo engajar digo com efeito que procu-  
ro um significado da minha existencia, que procuro uma meta a superar a situação  
noçenta na qual me encontro. E isto equivale a dizer que procuro uma fé transcen-  
dente. Pois este é, de acordo com o que sinto profundamente, o verdadeiro impac-  
to do meu encontrar-me aqui agora: a procura de uma fé transcendente. E isto que  
digo quando digo que me encontro aqui agora. Digo que me encontro em busca de uma  
fé transcendente. Neste sentido estou em situação verdadeiramente irreligiosa.  
Encontro-me sem fé, mas em busca de fé, e isto confere o clima específico a tudo  
que faço. A minha decisão para a morte, que é o fundamento da minha decisão em  
prol de um engagement, é uma busca de uma fé transcendente. A perda total da fé,  
que caracteriza a situação na qual me encontro, é simultaneamente e por isto mes-  
mo, o primeiro passo para um novo sentimento religioso. O meu empenho não pode  
ser portanto o empenho em prol de um significado, mas o empenho em prol de uma

búscua de significado. E neste sentido posso dizer que me encontro, ao me encontrar aqui agora, em situação de limite. Encontro-me no extremo da irreligião. Encontro-me no limiar de uma nova religiosidade.

A sociedade que me cerca e que procura canalizar o meu empenho em trilhas pré-fabricadas, angaria a minha adesão a religiosidades préfiguradas. A solicitação mais poderosa é aquela exercida por uma religiosidade chamada "humanismo". É uma religiosidade para qual o significado transcendente da situação é algo chamado "humanidade". Uma análise existencial deste conceito revelará, no entanto, ser ele algo que não me diz existencialmente respeito. A humanidade é com efeito apenas a sombra pálida e invertida do Deus de religiosidades mais antigas. A expressão mais atuante do humanismo é o cientifismo. A solicitação do humanismo deve ser enfrentada na forma do cientifismo. Uma análise do cientifismo revela ser ele uma forma inautentica da ciência no sentido autentico deste termo. É por isto que a ciência verdadeira deve ser encarada como primeiro passo de uma procura de empenho. Ela se nos apresenta de duas formas, como ciência aplicada, e como ciência teórica. Como aplicada ela se revela como sendo a influencia mais poderosa e progressivamente mais determinante da situação na qual nos encontramos. É portanto contra a ciência aplicada que devemos projetar-nos. Como ciência teórica ela se apresenta como existencialmente inacessível, a não ser que a queiramos abordar como especialistas. Uma análise do especialista revela que a especialização não é um empenho satisfatório no sentido no qual procuramos definir o conceito do empenho. A ciência teórica não serve, por si só, como projeto contra a ciência aplicada. O cientifismo, que é ciência teórica deturpada e desvirtuada, revela-se, si analisado, como sendo em certos aspectos, o exato contrario da ciência teórica, e portanto como projeto inadequado para a superação da ciência aplicada. A ciência teórica, e a fortiori o cientifismo demonstram como o humanismo é um tipo de religiosidade que não nos diz mais respeito. É verdade que a ciência teórica continua se desenvolvendo automaticamente e sem respeito por decisões de nossa parte. Este é um dos aspectos dramaticos da situação na qual estamos. É não é menos verdade que os diversos cientifismos, inclusive marxismo, fascismo e liberalismo, continuam atuando poderosamente. Mas é justamente contra esta canalização da nossa religiosidade em estruturas esvaziadas que devemos projetar-nos. Resumindo o resultado da nossa análise do humanismo podemos dizer o seguinte: o humanismo realizado na forma da ciência aplicada determina a nossa situação, e continuará a fazelo de maneira sempre mais poderosa. O humanismo articulado na ciência teórica e nos diversos cientifismos procura a nossa adesão a ciência aplicada de uma maneira já agora existencialmente insignificativa. A ciência teórica tornou-se sobre humana, e o cientifismo desvendou sua profunda falsidade. É por isto, entre outras razões que o humanismo não satisfaz mais a minha sede por uma fé transcendente. É por isto que procuro outras aberturas.

A primeira abertura que se me oferece é a arte. E neste ponto paramos no nosso curso. Não sei até que ponto os senhores me acompanharam nesta aventura de articulação do nosso estar aqui agora. Só sei que influenciaram poderosamente o seu desenvolvimento. As férias de julho talvez servirão, em parte, como recolhimento no sentido por nós elaborado. Retomemos, talvez mais decididos e menos vacilante, o fiado da meado no mez de agosto. em esperança, obviamente, de solução, mas com esperança de tomada de consciencia mais desperta.